

ARMANDO LEÇA

*Da Música Popular
do Baixo Alentejo*

Conferência realizada na Casa do Alentejo, em Lisboa, na noite de 30 de Novembro de 1940, durante a qual se exibiu um rancho misto de cantadores de Vila Verde de Ficalho.

Ilustrações do Ex.mo Sr. Dr. Leonel Cardoso



1 9 4 1

ALFARRABISTA

Compra e Venda de
Livros Novos e Usados
Livros Raros e Antigos
R. Francisco Horta, 15
Tel. 26618 - 8000 Faro



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 606

Cota n.º 53
~~123~~

ARMANDO LEÇA



Da Música Popular do Baixo Alentejo

Conferência realizada na Casa do Alentejo, em Lisboa, na noite de 30 de Novembro de 1940, durante a qual se exibiu um rancho misto de cantadores de Vila Verde de Ficalho.

Ilustrações do Ex.^{mo} Sr. Dr. Leonel Cardoso



1941
MINERVA COMERCIAL
CARLOS MARQUES & C.^a Lda.
BEJA



ARMANDO LEÇA

De Música Popular

do Baixo Alentejo

Publicada em Vila Verde de Ficalho em 1954, durante a sua estada na região do Baixo Alentejo, em Vila Verde de Ficalho.

Separata de o «Diário do Alentejo» publicada pelos cantadores de Vila Verde de Ficalho, em testemunho de alto apreço, reconhecimento e admiração pelo Ex.^{mo} Sr. Professor Armando Leça.



O rancho misto de cantadores de Vila Verde de Ficalho que se exibiu na Casa do Alentejo, em Lisboa, na noite de 30 de Novembro de 1940

Há mais de vinte anos, certo estudante do Conservatório, espreitando duma carruagem de terceira classe a tórre com janelas góticas, aprumada sôbre muralhas esboroadas, perguntava: — É BEJA ?...

Calcorreára Viana do Alentejo, a basílica da Senhora de Aires e Água de Peixes; palmilhára Alvito com as alentejanas a caiarem as moradias; acordára naquele sábadô com o chocalhar do rapazio a barulhar as Aleluias pelas ruas de Cuba.

Nêsse domingo de Páscoa, Beja folgava com *balhos* caseiros e apreciava nas adegas os *despiques* à viola e as *modas dobradas*, *pianinhos*, entoadas por trabalhadores rurais.

Para ouvir êsses coros dos alentejanos é que o estudante sacrificára as férias familiares, pela giratória no Baixo Alentejo.

— Cantava-se por tôda a cidáde a moda:

Ai... ai... ai...
Santinha, santinha,
Foge á tua mãi
Que eu fujo á minha.

Vamos ouvi-la pelo grupo misto de Vila Verde de Ficalho:

A musicalidade dêstes corais, como se fôra a projecção místico-espiritual das linhas alongadas das scaras ondulantes ao esfuziar dos ventos de Abril, ou do esmaecer dos trigais; esta paisagem exuberante de luminosidade quando a terra esmarelecida após o foçar das ceifas, agostada, desnuda o espacejar dos «montes», das povoações; o silêncio da planura, não o ermo estéril para o adventício, mas sim o interregno periódico da sua fecundidade, tudo isto entusiasmava o estudante pelo contraste flagrante com a sua terra nortenha, da beira-mar!

Na manhã seguinte escoava-se Beja aos grupelhos, com ces-

tos merendeiros, mantas e bordões, a pé, em carros de molas de azinho ou *carros graves*. Iam para as caldeiradas no Guadiana. Acamaradámos.

Talhões de ervas fragantes e flores azues, brancas e roxas, malmequeres bravios, papoilas escarlates, coloriam os hortejos arrabaldinos de Beja.

Que florída, assoalhada segunda-feira de Páscoa!

Assim se nos deparou o Baixo Alentejo!

Tempos depois, na travessia do Cercal para Milfontes, em Agosto, atormentou-nos o escalante do restólho, até ao refrigério dum brejo; de Moura a Mourão, na solidão daquele rodar por barrancos e sobreirais, como da Vidigueira a Évora — comprendemos como os ganhões nas seroadas dos *montes*, cantam com gôsto, sentem o subjectivismo das suas modas corais!



O cantador ficallhense António João Sargento

Certa noite — em Baleizão — após a *ccia* andavam homens na *arruada*. O grupo caminhava vagaroso, em fileira única, encostados os homens ombro a ombro, entre o casario-bloco aferrolhado, com as silhuetas das chaminés nas aprumadas.

Cantavam — como isso nos emocionou! — a *moda dobrada* que vamos ouvir aos ficallhenses:

Estava de abalada

Lá p'ra o meu montinho

.....
Talvez pela educação musical que me revelára a beleza me-

lódica dos andantes clássicos, ao ouvir êstes coros dos alentejanos — dos quais alguns temas se poderiam desenvolver em andamentos lentos de sinfonias — não repetimos as frases feitas em seu desprimor, apodando-os de lúgubres, árabes, monótonos, música de cantochão, etc...

Mas os que tão fãcilmente assim o escreveram, tinham ou têm conhecimentos técnico-musicais para compararem a simplicidade esquemática dos corais alentejanos com a assimetria, melismas e tonalidades árabes, com a liberdade compassista e modalidades dessa preciosa relíquia musical que é a medieva monodia coral do culto cristão?

E como o esquema ritmo-melódico de quási todos os corais alentejanos é de marchas, valsas e até mazurcas, cantadas descansadamente, com a sobreposição caprichosa, melódica dos «altos» ou «requintas», teríamos que enxertar nas assimétricas melopeias árabes, a simetria europeia e no cantochão cometer a irreverência de tesourar os Versículos seculares para os reduzirmos a redondilhas.

Análise, análise musical!

Na música popular nada há de transcendente. A música popular vale como documentário etnográfico, vale pelo universalismo de costumes e estados afectivos que ela expressa, segundo a índole, a intuição artística e o grau de cultura de cada raça e ainda um factor físico: o sistema musical.

Êste será exótico, secular, autóctone ou comum.

Nos cancioneiros estranhos ha migrações folclóricas, cantares comuns como os do Natal e outros. Também, dentro de cada país, cantam-se ou bailam-se músicas próprias de certas épocas do ano.

No nosso cancionero músico-popular ainda subsistem afloções dum todo que se fragmentou. Demonstra-se.

Do Baixo Alentejo desdobremos o que ainda se canta no ciclo anual.

NATAL! Nos lares, as famílias aborralhadas pelos *madeiras* comem os tradicionais bolos folhados. Aí, cantam e, na igreja, o Deus-Menino.

Namorou-se o Deus-Menino
Da cigana em Belém

Ouvireis agora o Deus-Menino como se canta em Vila Verde de Ficalho, como poderia ser de outra terra alentejana:

Depois: — como gravaram em Mértola:

Esta noite de Janeiras
E' de grande mer'cimento
Por ser a noite *primêra*
Em que Deus passou tormentos.

cantadas ás portas para obterem ofertas de bolos, figos passados, amendoas, etc;

Dias depois — os Reis — como nos cantaram na Vidigueira:

Já fui bago, enquanto grão
Deus me deu esta virtude

Cantadas as Janeiras ou os Reis, espera-se e lembra-se aos donos das casas:

Daqui onde estou bem vejo
Um canivete a bailhar,
Para cortar a chouriça
Que a senhora me há-de dar.

Mesmo agora aqui cheguei
Dei um tope no tejolo,
Logo o meu coração disse:
Que me haviam dar um bolo.

Em Mértola a êste peditório, chamam-lhe as Chacotas.
Vão cantá-las os ficalhenses:

Vamos a cantar aos Reis
À porta do lavrador

Em Janeiro ouvireis cantar as mondadeiras e lá virá o Entrudo chocalheiro no dizer dos malpiqueiros.

No Baixo Alentejo chegou a época das modas de *balhar*, mais mexidas e jocosas. O repertório consta de modas novas e velhas como — Manuel Chiné — Matilde, levanta a saia, etc.

Algumas aprendidas aos ratinhos-ceifeiros como a «Oliveira da serra», aos ranchos da Beira; outras, aos ceifeiros algarvios como a «Ponte nova do Algarve». Estes, por sua vez, levam os coros alentejanos para a sua província. Assim os ouvireis em Castro Marim e Aljezur.

Recortemos, agora, quadras e versos soltos que se referem a estes *balhos* daquém e da ex-romana Bética:

Olhem para este *balho*,
Olham para este asseio,
Olhem para o lindo par
Qu'anda *balhando* no meio.

.....

O cantar quer' hora
E o *balhar* maré

.....

Esta moda alentejana,
Alentejana, quer *balhar*,
Não me vou daqui embora
Sem *ô mé* amor falar.

E dobrando a quadra à maneira regional:

Sem *ô mé* amor falar,
Sem falar *ô mé* amor.
Esta moda alentejana,
Alentejana, branca flor.

Cantam-se quadras geográficas e toponímicas como as seguintes:

Santa Clara das moças,
S. Martinho dos mancebos,
Santa Luzia dos olhos,
Garvão é terra de negros.

E's de Beja, mas não sabes
Quantas freguesias são?
Salvador, Santa Maria,
São Tiago e S. João.

Comparo Serpa com Brinches,
Baleizão a Aldeia Nova;
Safára com Santo Aleixo
Amareleja, Granja e Póvoa.

Nestes versos cantados, o filólogo notará os fonemas regionais, o léxico-etnográfico, os casos da gramática popular—contracções de dois sons vocálicos num só—como êstes:

Fui a passear
Ao teu montinho
.....
Anda la para *diênte*
.....
Quem tem amores ao *lôis* (por longe)
.....
Vida *mulitar* (por militar)

e esta quadra elucidativa:

Odemira é minha terra
Eu não o posso negar;
Tôda a gente me conhece
Pelo modo de falar.

A propósito de como aparecem estas quadras, anotámos em Baleizão o seguinte:

Minha fala levanto
Onde quer que s'oferece;
Faço cantigas e canto,
Talvez que esta fizesse.

O grupo misto de Vila Verde de Ficalho vai cantar-nos e *balhar* duas modas alegres, mais próprias do foliar carnavalesco do que da sua índole:

A Menina da parreira
Já cortou a parreirinha

Ao passar da ribeirinha
Pús o pé, *molhi* a meia;
Não *casi* na minha terra
Fui casar em terra alheia.

Esta moda — «Ao passar da ribeirinha» — canta-se com variantes musicais e poéticas em terras da Maia, Beira Baixa, Aljustrel e até no Algarve.

Em Malpica, para o Entrudo, há duas modas próprias, cada uma com sua música:

Lá em baixo vem o Entrudo,
De gordo não pode andar,
Que comeu um burro ruço
Entre o almoço e jantar.

As Sécias:

Já se nos vão acabando
Lindas festas do Entrudo;
Agora, já te não vejo,
Amor, tanto de miúdo.

Em Moura, na quarta feira de Cinzas, fazia-se o entêrro do Carnaval com homens embrulhados em lençóis, cantando:

Quero no meu entêrro
Uma velha bem velhinha;
Essa vai á frente
A tocar a campainha, etc...

Todos fingiam chorar e seguia-se o testamento em verso com música adequada:

Deixo ao senhor fulano,
uma cabeleira;
deixo umas calças largas
a cicrano, etc.

—QUARESMA! Ranchos de mulheres andam na monda. Florescem as oliveiras, sobreiros, azinheiras e nas campinas e barrancos, carreteiras ou bermas das estradas, aloiram os centeios, reverdecem os trigais, colóram-se as ervas bem cheirosas e as flores silvestres.

No Minho, Trás-os-Montes, nas Beiras, é a quadra dos *rimances*, *trovas* e de cantares sacros e em terras da Idanha os adufes anunciam as romagens tradicionais. Do Gerez a Lagos houve o culto do «ementar das almas».

Pela noite, grupos arrastando correntes e campainhas, como se ouvia nos arrabaldes de Aveiro, perpassavam as ruelas dos lugares entoando:

Acordai, irmãos meus,
Dêsse sono tão profundo;
Rezai um padre-nosso
Pelas almas do outro mundo.

No amodorrar das aldeias minhotas, écôa plangente, lúgubre:

Alerta, alerta,
que a vida é curta,
a morte é certa!

No Baixo Alentejo também houve o culto das almas. Demonstra-o a reconstituição das Almas Santas que vamos ouvir e que se praticava, ainda há 30 anos, nas ruas de Ficalho, pela meia-noite do último dia de cada ano. Entoadado por homens, acompanhava-se pela viola campaniça.

O «ponto» ficalhense dá comêço:

Já lá tendes os vossos pais
E mais alguns parentes seus

que o côro repete e o resto que ouvireis.

As esmolas dêste peditório destinavam-se às despesas das festas das almas.

Quaresma! O canto das almas no Baixo Alentejo:

—Na Páscoa, á luz vibrátil dos dias primaverís, os ramos nas searas baloïçam com as garridas papoilas, na ondulação dos verdes trigais; vai-e-vem imenso, até onde o olhar se alonga!



O cantador ficalhense João Gonçalves Seita

Na arrancada das ervas parasitas, no regresso e adiafas das mondas, quantos amóricos apalavrados... Assim, afloram cuidados imprevistos, ciúmes mal contidos, o afervorar próprio de quem tem novos amores. Não será a moda — «Não quero que vás á monda» — o exteriorizar dessa fase apolínea? Vamos ouvi-la:

.....
—De certa vez que passavamos a Moura, deparámos com uma «função» — *advirto* como se diz em Odemira, — isto é, *balhos* armados em louvor de noi-

vados. Da rua, conglobados com homens e rapazes azougados, viamos os pares no *advirtimento* daquela boda caseira. Verificámos então, como a gente alentejana folga animadamente e gosta de dançar.

Que se dança no Baixo Alentejo?

Nem o *Vira*, o *Malhão*, a *Vareira*, *Tirana*, *Verdegaio* ou a *Farrapeira*, porque as fases coreográficas de tais bailios regionais, o desembaraço dos pares, o mexido dos pés, os saltos, o rodopiar ágil, não se adaptam à sobriedade da gente do Baixo Alentejo. Dançam, sim, *balham*, mas à sua maneira. Uma das suas quadras, o explica:

Para tocar o algarvio,
Para fandango o Ribatejo,
Para campinos, Borda-de-Água,
P'ra cantar o Alentejo.

Completemos: p'ra cantar o Baixo Alentejo, porque os corais estão para a sua predilecção como as saltitantes *saias* para as camponesas do Alto Alentejo.

—A *função*, isto é, o casório vai iniciar-se com o «cantar aos noivos», acompanhado a *harmónio*.

Olha a noiva se está triste
Olhando para o seu vestido;
Deixa pai e deixa mãe,
vai viver com seu marido.

Convidaram-se as moças vizinhas e aparentadas. Os rapazes lá aparecem.

Com o *harmónio*, a «*flauta*» — «*gaita de bêço*» — a tocar, não há par que não *balhe*, quer seja o

- marcadinho*
- puladinho*
- a valsa*
- balhos de cadeia e de roda*

e aos «*topes*», com os rapazes e raparigas dispostos alternadamente, em roda fechada. No final os pares formados dão uma volta de modo a deixar, à sua direita, a rapariga que antes ficára à esquerda.

Aos *topes*, com suas quadras soltas:

Agora segue-se a

- Luisinha bonitinha, como seria
- A Maria Campaniça
- ou...
- Bate palmas, ó linda dama.
- O meu par é o mais bonito
- Que *balha* nesta *função*.

Florescem os Maios. Aromas sãdios, frescos, penetrantes de

vitalidade, do rosmaninho, murta, mentrasto, giesta ou esteva, rescendem da terra em gestação.

Ouvireis coros de madrugada ou à noitinha, aos ranchos dos trabalhadores rurais.

Atravessareis o Minho e não vos lembrais dos seus cantares e danças, porque a paisagem absorve-vos com tão pródiga vegetação. No Baixo Alentejo, os corais são a natural exteriorização dos que sentem a necessidade de não estarem sòsinhos e, cantando agrupados, assim se livram daquele silêncio amarfanhador das planícies despovoadas; silêncio que humilha os simples, ensimesma os pensadores; planuras imensas, fecundas, nas quais os seres humanos são microscópicos. A paisagem do Baixo Alentejo sem corais, é como catedral gigantesca sem as sonoridades dum órgão!

Quando cantam os alentejanos?

Ao tempo das ceifas—ao varejar do arvoredado—na apanha da azeitona—nas mondas e adiafas.

Cantam nas arruadas—nos sábados á noite—aos domingos em passeio e «em calhando», conforme me respondeu um cantor de Serpa.

—Que cantam os alentejanos?

A natureza, o amor, a soledade, as terras naturais, factos históricos como o do Gungunhana ou a morte de D. Carlos.

Cantam o lirismo das coisas silvestres, simples, como a azeitona, o sargaço, a medronheira, o loureiro, a erva cidreira, o lírio roxo, o trevo, o alecrim ou como o inspirado coral que vamos ouvir:

A flor que abriu em Maio
Se bem abriu bem fechou

.....
Temos os corais seculares do Minho, de Terras de Miranda e de Riba-Vouga — concelhos de Vouzela e S. Pedro do Sul — , corais a duas e três vozes harmónicas e quatro nos finais.

A nomenclatura popular destas vozes varia desde o *baixão* ao *sobreguincho*.

No Douro e Beira Litoral, canta-se a duas vozes e a três no concelho de Sever do Vouga.

Na Beira Baixa, Estremadura, Ribatejo e Algarve, a tendência é para as monodias corais.

No povo rural é que ainda perdura o gôsto pelos conjuntos corais, mas em declínio alarmante!

Mas, quando a expensas da Comissão Executiva dos Centenários, andámos nas gravações para discos do nosso cancionero, deparámos no Baixo Alentejo com homens cultos, de representação social, que, se não participavam dos coros, cantavam para si ou ouviam-nos com respeitoso silêncio.

Alguém cujo apêgo à terra natal é comunicativo e alician-te pela maneira inteligente como o exterioriza e pratica, trouxe-nos aqui o grupo misto dêstes cantadores de Vila Verde de Ficalho, como poderiam ser de outra terra do Baixo Alentejo.

Já ouviram como cantam os de Peroguarda, a moda da «Ameliazinha»; os de Serpa, «O Lirio roxo»; os de Castro Verde, «Foram elas»; em Mértola, «Ao romper da bela aurora»; em Baleizão, «O rapaz pimpão»; Em Aljustrel, «Tenho barcos, tenho remos»; em Vidigueira, «Os Reis»; em Aldeia Nova de S. Bento, «Amava-te eternamente»; Em Odemira, «Dá-me um copo d'água»; e os ranchos de Cuba, Beringel, Moura, Santo Aleixo, Almodovar ou Ourique?...



O tocador de harmônio Manuel Luís Carreira, de Vila Verde de Ficalho

Alguns dêstes corais são comuns a todo o Baixo Alentejo, mas a predilecção por êste ou outrem, as variantes de timbres, a colaboração feminina, a musicalidade dos *pontos*, *altos* ou *requintas*, dão-lhes sonoridades imprevistas que os renovam no expressar.

—E, assim, após o tempo pascal, chega o dia de Santo António, o «Santo Antoninho da Serra», lá no seu convento arrabaldino de Serpa, que tem coral privativo.

No S. João alevantam-se «mastros» enfeitados de verduras,

frutas, balões e bandeira no tópo; em redor circulam *balhos* de cadeia.

No Baixo Alentejo as romarias não se sucedem de Maio a Outubro, como no Norte. Ao S. Gonçalo de Amarante ou á Senhora da Abadia há as promessas de romeirinhas que, palmilhando léguas, cantam em côro quadras em louvor dos Santos milagrosos; no Baixo Alentejo ouvireis apenas no último domingo de Setembro, o côro dos que vão á Senhora de Aires,—imagem tão pequena e senhora de tão grande templo —; vão mais pela feira famosa do que em promessas.

A Nossa Senhora d'Aires
S'tá metida num deserto,
Em chegando a mocidade
Me parece um céu aberto.

Vamos ouvi-la com o harmónio, segundo a versão de Ficalho:

Em arraial minhoto dança-se a *Vareira* ou o *Vira*; no Douro Litoral a *Chula*; no Ribatejo o *Bailarico* ou o *Fandango*; na Beira Alta, o *Tareio* ou a *Farrapeira* e, nas restantes províncias, os seus bailes tradicionais, *bailos* segundo Gil Vicente.

No Baixo Alentejo também *balharam* o *Fandango* e mais danças desusadas. No terreiro da Senhora d'Aires — no seu dia — ainda talvez vejais os pares folgando com a *contradança*, se aparecer algum tocador de *flaita*, a *gaita de bêço* no dizer dos estremenhos.

A *contradança* com a *flaita* e os pares de Ficalho:

OUTONO! A tarde acinzam-se as serranias de Espanha e algarvias, os cabeços de Ficalho e Mértola.

Quem se lembrará do tamborileiro no dia da Senhora das Pazes e dos fluorescentes eloendros abeberados no Chança?

A *manta* e a *samarra* já os maiorais do gado as não dispensam.

Lavrar. Semear.

Queimadas nas herdades.

Nas oliveiras — tantas esculturas de corpos decepados,

braços implorativos, silhuetas eróticas—; nos olivais amadurece a azeitona.

Chegado é o tempo dos *alqueives*; a charrua, puxada pelas muares com guizos nos cabrestos, desagrega a terra, retalha-a para que ela fecunde as sementeiras e nos dê:

«o pão nosso de cada dia».

Ouve-se então, pelas campinas, ao trabalhador, a *moda da lavoira*, descansadamente, rematando cada verso com interjeições improvisadas.

Ouvi! Entôa *a moda da lavoira*, o ficalhense Bento Sargento Pereira:

Cantar há muito quem cante,
Preceito é de quem no tem.
Hoje em dia não se sabe
Quais são os que cantam bem.

Como nos corais seculares já citados, subsistem nos dos alentejanos, padrões regionais e outros originariamente monódicos, mas que se adaptaram ao seu esquema harmónico.

No Baixo Alentejo cantam-se os coros em atitudes de respeito, de concentração, quer seja na arruada, nos trabalhos ou nas *Vendas* á volta das mesas, bebendo, bebendo..., com as mãos encochadas às bocas.

Quadros de Malhóa!

Cada grupo ou cada moda têm os seus *pontos*, isto é, vozes escolhidas que começam, sós, os coros.

O *ponto* canta as *letras*, quadras variáveis; o *alto* — *requinta* — sobrepõe-lhe a voz harmónica, floreado-a na moda — *estribilho* — e os *baixos* completam a harmonização destes excelentes órgãos humanos. Há variantes na entrada do côro e do *alto*. Este, por exemplo, ataca na primeira sílaba um verso ou antecede-a com um — ai ou a conjunção e... como guia dos *baixos* que entoam logo, até cortando os vocábulos.

Notemos como êles se entendem antes de cantarem.

«Pica mais a moda». «Não lhe deixem tanto o *rabo* ou a *ar-*

rebicheira», isto é, a nota aguda, final que raramente ultrapassa um — mi natural. «Não sei cantar por baixo». «Vamos armar em «terno»; isto é, conjunto coral com as vozes harmónicas. O termo também se usa no Minho, mas diverge no efeito musical.

Cantiga — os versos
Moda — a música
Resquebro — o estribilho
etc., etc..

—E' tão simples êste esquema musical, mas, nesta aparente singeleza, há o protoplasma do seu humanismo, o expressar músico-etnográfico do Baixo Alentejo!

—Em recolhimento místico ouvem-se os corais dum BACH! Com os olhos postos na majestosa planície do Baixo Alentejo ou evocando-a, é que compreenderemos, sentiremos a étnica dos seus coros.

Predominam as vozes de homens, como no Minho as das mulheres.

Aqui a carreteira, estirando-se por entre sobreirais e clareiras, é quasi rectilínea aos caiados *montes*; no Minho, no qual até a vinha trepa no arvoredos, a aguagem movediça dos rios e ribeiros tem cambiantes dos verdes dos vales e das hortas.

Contrastes topográficos e de culturas, variedade e contrastes do nosso cancionero músico-popular!

—Se, agora, cantando horas e horas, preguntássemos aos componentes dêste afamado grupo ficalhense como de outras terras alentejanas, quantas *modas* ainda ouviriamos de novo, responderiam: «em calhando», até ao aclarar do dia...

Fique em nós a insaciedade de mais vezes os ouvirmos, o imprevisto dos corais que não conhecemos. Apenas mais uma *moda*, das mais alentejanas, escolhida quasi ao acaso:

Fui ao mar pescar peixinhos
Pesquei uma Margarida,
Margarida da minh'alma,
Que andavas no mar perdida.

Que andavas no mar perdida
No meio d'água salgada,
Fui ao mar pescar peixinhos
Encontrei a minha amada.



VILA VERDE DE FICALHO: O tamboril tocado por ocasião da Festa das Pazes e a viola campaniça que, noutros tempos, era usada para acompanhamento de cantos populares.

MINERVA COMERCIAL
CARLOS MARQUES & C.^a Lda
B E J A